

ARTIGOS

O POETA-HISTORIADOR CONSTANTINO CAVAFY E AS CIVILIZAÇÕES GRECO- -ROMANA E BIZANTINA.

JÔNATAS BATISTA NETO

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo.

Constantino Cavafy continua a ser, entre nós, um poeta pouco conhecido, apesar do relativo sucesso do *Quarteto de Alexandria* de Lawrence Durrell, que o cita em diversas passagens e chega a incluir versões de seus poemas nos apêndices de algumas das quatro partes que constituem a obra.

Nosso objetivo não é divulgar esse autor, mas mostrar como o ficcionista pode, em certos casos, graças a uma sensibilidade que se aproxima da mediunidade, captar o passado e traduzi-lo de forma mais marcante e profunda que o próprio historiador. Exemplos de autores bem sucedidos nesse terreno são certamente Flaubert, Renan e Marguerite Yourcenar. Esta, nas suas *Mémoires d'Hadrien*, nos diz:

"Os que incluem o romance histórico numa categoria à parte esquecem que o romancista nunca faz mais que interpretar, com a ajuda dos processos do seu tempo, um certo número de fatos passados, de lembranças conscientes ou não, tecidos com o mesmo material que a História. Tanto como a *Guerra e a Paz*, a obra de Proust é a reconstituição de um passado perdido. O romance histórico de 1830 cai, é certo, no melodrama e no folhetim de capa e espada; não mais que a sublime *Duchesse de Langeais* ou a espantosa *Filie aux Yeux d'Or*. Flaubert reconstrói laboriosamente o palácio de Amilcar com a ajuda de centenas de pequenos pormenores; procede da mesma maneira com Yonville. No nosso tempo, o romance histórico, ou o que, por comodidade, se con-

sente em designar como tal, só pode ser imerso num tempo reencontrado, tomada de posse de um mundo interior" (1).

Todo trabalho de ficção é construído com elementos do passado, históricos portanto, e, por outro lado, há mesmo quem sustente que a própria obra do historiador consiste num trabalho de ficção, na medida em que os mesmos fatos, vistos à luz de inteligências diversas e de épocas diferentes, ganham interpretações variadas e novos contornos. Não nos dedicaremos, entretanto, a esse problema, porque escapa aos limites deste artigo, cujo objetivo é mostrar um poeta-historiador diante da história de sua cidade e profundamente envolvido nos grandes temas das civilizações greco-romana e bizantina, que são as bases de sua formação e as raízes da cultura de seu povo.

O próprio Cavafy reconheceu o seu talento de historiador quando afirmou:

"... Muitos poetas são exclusivamente poetas. Porphyras, por exemplo, é exclusivamente poeta. Mas não Palamas: ele escreveu também contos. Quanto a mim, sou um poeta-historiador. Jamais poderia escrever um romance ou uma peça de teatro; mas eu sinto, em mim, cento e vinte e cinco vezes que me dizem que eu poderia escrever história. Mas, agora, não há mais tempo..." (2).

Nascido em Alexandria, em 1863, Cavafy não poderia ficar insensível ao extraordinário passado dessa cidade. Muitos de seus poemas são dedicados a esse predestinado núcleo urbano, onde tantos povos e religiões conviveram e se combateram e onde foram jogadas cartadas políticas decisivas para o mundo antigo. Ele próprio se confessa incapaz de fugir ao prestígio e ao fascínio de Alexandria:

"D'autres lieux n'espère pas de découvrir, ni d'autres mers.
La Ville te suivra partout. Dans les mêmes rues toujours
tu erreras; aux mêmes murs résonneront tes pas, tes jours,
et sous les mêmes toits blanchiront tes cheveux.
Toujours à cette Ville tu aboutiras. Ne cherche de nouveaux
chemins, ni de vaisseaux, car pour toi, il n'en est point.

(1). — *Carnets de Notes*. "Le Livre de Poche", Paris, 1972; pp. 441-2.

(2). — Cit. por Théodore Grivas, na sua tradução dos poemas (C. Cavafy, *Poèmes*. Éd. Icaros, Atenas, 1973).

Tu as si bien ruiné ta vie dans ce petit recoin,
que la voici ruinée pour toi sur le reste de la terre" (3).

A despeito de seu interesse pelo Cristianismo e pelas complicadas tramas políticas bizantinas, a leitura de seus poemas nos convence rapidamente que são os temas pagãos que o preocupam mais de perto. Os deuses, como nas estátuas gregas, aparecem sob a forma de efebos "perfeitamente belos", com a "alegria da imortalidade no olhar", buscando, entre os mortais, "que se afastam à sua passagem", os mais sensuais e suspeitos prazeres do corpo. Num de seus mais belos poemas, uma divindade desconhecida, tão semelhante aos homens que não pode ser diferenciada facilmente de um "heleno da Síria" ou de um "estrangeiro", atravessa o Ágora de Selêucia, exibindo, aos mais avisados, qual *Hermes de Praxiteles*, os radiosos atributos da suprema felicidade dos imortais.

"Lorsque l'un d'Eux, par l'Agora de Séleucie
passait, aux approches du soir, sous l'apparence
d'un éphèbe elancé parfaitement beau,
avec la joie de l'immortalité dans le regard,
avec ses noirs cheveux imprégnés d'aromates,
les passants le suivaient des yeux,
s'interrogeant entro eux: "Qui peut-il être?
Est-ce un Hellène de Syrie? Un étranger?" Mais ceux
qui plus attentivement que d'autres observaient,
ne doutaient guère, et s'effaçaient sur son passage,
et cependant que lui disparaissait sous les arcades,
entre les ombres et les lumières du soir,
portant ses pas vers les quartiers qui ne s'animent
que la nuit, dans les orgies et la débauche,
dans la luxure et toutes les ivresses,
ils demeuraient songeurs, se demandaient lequel d'entre Eux
ce pouvait être, et poursuivant quelle suspecte volupté,
parmi les rues de Séleucie il était descendu
du haut des vénérées, des très augustes Demeures?" (4).

Pertencentes que somos a uma civilização herdeira das tradições clássicas e profundamente penetrada pelos ideais cristãos, nós temos, em maior ou menor grau, consciência de vivermos numa sociedade em que, por vezes, — e até com muita frequência —, as exigências do corpo e os ideais de livre investigação sobre os fenômenos do mundo se

(3). — *La Ville*. Não traduzimos os poemas do francês para o português para não traír o poeta duplamente.

(4). — *Un de Leurs Dieux*.

opõem às exigências do espírito e aos limites da fé. O desaparecimento da civilização greco-romana não implicou, absolutamente, na extinção dos seus ideais. Muito pelo contrário, os diversos "renascimentos" que pontilham a história da Europa atestam que a cultura grega continuou e continua sendo uma das bases mais sólidas da civilização ocidental. Na arte, na literatura, os deuses permaneceram vivos, ainda que sob a forma de mera mitologia, e, mesmo nos períodos em que predominou o ardor religioso e o fanatismo, poucos foram os intelectuais que resistiram ao apelo da cultura pagã. Constantino Cavafy, melhor que qualquer outro autor de nosso conhecimento, deu expressão a esse novo aspecto da imortalidade dos deuses:

"Si on les a chassés de leurs autels,
si nous avons abattu leurs statues,
point ne sont morts, pourtant, les anciens dieux!
ô terre d'Ionie, c'est toi qu'ils chérissent encore,
c'est toi dont leurs esprits remémorent!
Par un matin d'été lorsque tu te réveilles,
d'une essence divine vibre ton firmament.
Et quelquefois une éthérée vision d'adolescent,
imprécise, d'une démarche ailée
effleure tes collines en passant" (5).

Uma das técnicas utilizadas pelo poeta e pelo romancista que lidam com a História é a de transportar-se para o próprio passado. Difícil e arriscada, essa técnica, quando o autor tem a verdadeira vocação de historiador, dá resultados brilhantes e surpreendentes porque torna os leitores contemporâneos dos acontecimentos e, até mesmo, lhes dá a sensação de estarem, em relação à história ou à mitologia, como é o caso do poema *Ítaca*, em condições de penetrar nos segredos do futuro, que só pertencem aos deuses, "únicos possuidores de todas as luzes" (6).

No poema citado, Cavafy se dirige a Ulisses e, como faz com Marco-Antônio e com outros personagens ilustres da Antiguidade, exorta-o a proceder como verdadeiro herói, digno, portanto, do prestígio que o tempo lhe conferiu. Para Cavafy, importam menos os riscos que marcarão o seu retorno de Tróia incendiada (estes só existem na forma de agitações, tumultos e pesadelos da alma e poderão ser evitados se o espírito permanecer puro) que a enorme experiência que os anos de viagem pelo Mediterrâneo lhe trarão. Ulisses é, portanto, mais do que o herói convencional da Odisséia, o símbolo do homem

(5). — *Ionien*.

(6). — *Prémonition des Sages*.

antigo, ávido de experiências e de conhecimento. Ítaca, uma vez atingida, nada mais poderá lhe oferecer; ela é apenas a causa de uma transformação interior.

"Lorsque tu te mettras en route pour Ithaque,
fais en sorte que le chemin soit long,
plein d'aventures et de découvertes.
Ne crains pas les Cyclopes et les Lestrygons,
ne crains pas le farouche Poseidon.
Tu n'auras pas à te défendre d'eux si ta pensée
demeure pure, si seule une émotion entre toutes choisie
fait tressaillir ton corps et touche ton esprit.
Les Lestrygons et les Cyclopes, l'irascible
Poseidon, tu ne vas pas les rencontrer
si ce n'est point toi-même qui les portes en ton âme,
si ce n'est elle qui les dresse devant toi.
Fais en sorte que ton chemin soit long.
Qu'ils soient nombreux tous les matins d'été,
où — avec quel plaisir! quelle allégresse! — tu entreras
dans des ports que tu vois pour la première fois.
Arrête-toi aux comptoirs phéniciens.
acquière la bonne marchandise,
ébènes et coraux, ambres et nacres,
et des parfums voluptueux de toute espèce,
le plus possible de voluptueux parfums.
Visite maintes villes égyptiennes; apprends,
apprends sans cesse chez les savants.
Garde présente Ithaque dans ta pensée;
y parvenir un jour est ton ultime but,
mais ne te hâte pas dans ton voyage.
et que chargé d'années tu abordes dans l'île,
riche de ta récolte, et sans attendre
d'Ithaque offrande de richesses.
Ithaque t'a permis le beau périple;
sans elle, tu ne l'eus pas accompli, peut-être;
Ithaque n'a plus rien à te donner.
Mais même pauvre, elle ne t'aura point menti:
la sagesse, l'expérience que tu as acquises,
t'ont déjà révélé ce qu'elle signifie, Ithaque!"

Em alguns de seus poemas, Cavafy aborda um dos grandes ideais da Antiguidade. Esse ideal, que foi tanto o de alguns soberanos locais como o de certos imperadores romanos, consistia em identificar-se

com o "espírito grego", em assumir a privilegiada personalidade do homem que impôs, ao mundo antigo, uma

"cultura distanciada do informe, do monstruoso, do imóvel e que inventou uma definição do método, uma teoria da política e da beleza" (7)..

No *Epitáfio de Antíoco*, Cavafy expressa esse ideal de ruptura com o mundo bárbaro em apenas duas palavras: "ser helênico". A irmã do soberano, "prostrada pela dor" e desejosa de glorifica-lo por meio do mais digno epitáfio, encarrega Calístrato, sofista de Êfeso, de redigir um texto à altura do valor e da alta erudição de Antíoco. Dentre as várias qualidades do príncipe, o sofista destaca uma: "ser helênico", que consiste num "dom perfeito", acima da coragem, da equidade, da prudência e do espírito pacífico.

"Au Roi Antiochus, à notre Bienfaiteur,
O Commagéniens, rendons ici honneur;
Il fut de notre Etat le Guide pacifique;
Il fut sage, équitable, courageux.
Il eut surtout ce don parfait: être Hellénique.
L'humanité n'en connaît point de plus précieux;
S'il en est de plus hauts, ils sont devers les Dieux".

Se, no *Epitáfio de Antíoco*, aparece um soberano perfeitamente identificado com a cultura grega, no curioso e irônico poema *Soberano da Líbia Ocidental*, nós encontramos um personagem que, a despeito dos maiores esforços, carece de formação suficiente para representar, a contento, o papel de grego. Preocupado, igualmente, em "ser helênico", Aristômene compra livros de história e de filosofia em língua grega, veste-se impecavelmente como um grego, mas vê-se obrigado a guardar profundo silêncio para evitar que lhe escape algum "odioso barbarismo". Esse soberano líbio é o símbolo dos tolos e fâtuos governantes que viam, na imitação dos gregos, uma condição indispensável para a sua aceitação nas capitais do mundo antigo. Esse poema revela também, ainda que sob forma diferente, a mesma aspiração de "ser helênico", que deve ter sido bem comum, entre os elementos da aristocracia antiga, a partir, pelo menos, do século II a. C.

"Au demeurant, il n'avait pas déplu
à Alexandrie, durant les quelques jours qu'il y resta,
Aristomène, fils de Ménélas,
souverain de Libye occidentale. Son vêtement,
comme son nom, était sobrement grec.

(7). — M. Yourcenar, *op. cit.*, pg. 113.

Il acceptait avec plaisir tous les honneurs,
mais sans les rechercher, étant modeste.
Il achetait des livres en langue grecque,
d'histoire et de philosophie en particulier.
Avant tout, homme avare de paroles.
Il est profond dans ses pensées, se disait-on,
et les hommes profonds se taisent volontiers .
Il n'était ni profond dans ses pensées, ni rien de tel.
C'était un être falot, insignifiant.
Il prit nom hellénique, se vêtit à la grecque,
il réussit tant bien que mal à imiter les Grecs,
et sans cesse il tremblait, de crainte
— si en parlant lui échappait quelque odieux barbarisme —
que ne se dissipât l'assez bonne impression
produite par lui sur les Alexandrins,
et qu'ils ne le tournassent alors en dérision,
comme c'était leur habitude, les cruels...
C'est pour cela qu'il ne se permettait que rares propos,
surveillant avec soin les modes et l'accent.
Et il mourait d'ennui, le malheureux, ayant
force discours accumulés en lui!"

A identificação com os ideais helênicos foi, com certeza, mais comum e mais frequente em terras italianas, onde a cultura grega penetrou bem cedo e deixou raízes que vieram a influenciar decisivamente a própria civilização romana. No século II a. C., a Grécia caiu sob o controle dos romanos, após a derrota de Diaeos e Critolaos, generais da Liga Aquéia, frente ao consul Mummius, em Leucopetra. Os historiadores costumam chamar a atenção para o fato de que, mesmo vencida, a Grécia manteve, por muito tempo, o seu vigor cultural e chegou mesmo, num certo sentido, a inverter a situação, revelando-se vitoriosa, já que, no campo das artes, da literatura e dos conhecimentos científicos, os romanos tiveram de aceitar a supremacia helênica e assimilaram, às vezes até de forma apaixonada, grande parte das realizações intelectuais desse povo privilegiado. Aos espíritos mais sensíveis e mais próximos das formas de vida e de pensamento dos gregos, a derrota de 146 não passou despercebida e deve ter-se constituído num rude golpe de caráter moral. É essa a situação caracterizada no poema sobre o jovem sibarita, filho de Menedoro, que, a despeito do seu gosto pelo luxo e prazeres garantidos pela opulência, vê, na conquista da Grécia, motivo de angústia e melancolia e não de júbilo e ardor patriótico.

"Le fils de Ménédore,
passe son existence

jeune homme italiote,
au milieu des plaisirs;

ainsi ont-ils coutume
ces garçons élevés
Mais aujourd'hui il est
morne et préoccupé.
plein d'amère tristesse
les nefs lourdes d'objets
Dépouilles helléniques,
Ah, certes, en ce jour,
il ne lui est possible,
d'avoir pour les plaisirs

ceux de la Grande Grèce,
au sein de l'opulence.
— contre son naturel —
Le long du littoral,
il voit que l'on décharge
pris au Péloponèse.
le butin de Corinthe!
il ne lui est permis,
au jeune italiote,
la moindre convoitise" (8).

O mesmo tema, ou seja: o da assimilação dos valores helênicos e da impossibilidade de viver sem eles, aparece, de forma bastante clara, no poema *A Satrapía*. Desta vez, não se trata de um estrangeiro que busca uma identificação completa ou aparente com o modo de vida do povo grego ou que lamenta a sorte de uma Grecia abandonada à fúria do exército que saqueou Corinto; trata-se de um grego que, exilado na Pérsia e, portanto, distante do "Agora, do Teatro e das Coroas", não vê como poderá encontrar sentido para a sua vida. Os favores que a corte de Artaxerxes lhe concede e a Satrapía que lhe foi confiada não o livram da suprema angústia de ver-se afastado do mundo que amou e do sentimento de que, a despeito da segurança material que a cidade de Susa lhe garante, está, por muito tempo e talvez para sempre, impedido de realizar as "belas e altas obras" que só encontram sentido no contexto da sua civilização e que só adquirem um verdadeiro e profundo significado no seio da cultura que as faz florescer.

"Quelle fatalité, que ton injuste sort,
alors que tu es fait pour accomplir de belles
et hautes oeuvres, sans cesse te refuse
tout encouragement et tout succès!
Que s'y opposent mesquines habitudes,
indifférence et mille petitesses!
Et le jour où tu cèdes, qu'il est amer! —
(où tu te laisses aller et ou tu cèdes.)
Et tu entreprends le long voyage à Suse,
et te présentes au monarque Artaxerxès,
qui, à sa cour, t'accueille avec faveur
et te propose satrapies et quoi encore!
Et toi tu les acceptes avec désespoir,
ces choses que nullement tu ne recherches.
Ce que ton âme veut, ce qu'elle pleure?

(8). — *Sur un rivage (d'Italie)*.

Du Dème et des Sophistes la louange,
les difficiles, les inestimables prix,
l'Agora, le Théâtre, et les Couronnes.
Ces choses-là, comment te les donnera-t-il,
Artaxerxès, comment la Satrapie?
Et sans elles, hélas, quelle sera ta vie?"

Os viajantes e estudiosos que tiveram a oportunidade de deter-se diante de uma cidade em ruínas, de um templo bem ou mal conservado, de um sarcófago, ou de qualquer outro vestígio significativo do passado, com certeza não deixaram de evocar, com maior ou menor profundidade, de forma precisa ou estereotipada, as multidões que, ao longo dos tempos, se reuniram no Agora, os fieis e os sacerdotes associados para um sacrifício ou os corpos que repousaram nos leitos de pedra e cuja imagem, para sempre apagada da memória dos homens, será sempre um mistério para todos.

Constantino Cavafy não ficou imune ao fascínio desses monumentos silenciosos, especialmente aqueles que serviram para guardar o corpo dos que morreram jovens, na plenitude da beleza física e do vigor intelectual. No *Túmulo de Eurion*, o autor alexandrino contrapõe a bela construção na qual o jovem repousa, como que adormecido, e o trabalho histórico, realizado por ele, ao seu rosto amavel, "que era como uma visão apolínea". O túmulo e os textos permanecerão mas o grande dom recebido por Eurion, a sua beleza, está, para sempre, perdido para nós.

"Dans ce tombeau d'un style incomparable,
fait tout entier de roche syénite,
fleuri de tant de lys, tant de violettes,
le bel Eurion sommeille, enseveli.
Alexandrin; âgé de vingt-cinq ans à peine.
Par son père, descendant de vieille race macédonienne;
de lignée d'alabarches par sa mère.
Elève d'Aristoclitte pour la philosophie,
de Paros pour la rhétorique. A Thèbes, les lettres sacrées
il étudia. Du nome Arsinoïte
il écrivit l'histoire. Cela, au moins, demeurera.
Mais nous avons perdu le plus aimable, son visage,
qui était comme une vision apollonienne".

Num outro poema, construído sobre o mesmo tema, Cavafy insiste na idéia da brevidade da vida, tão cara aos autores antigos e tão verdadeira, mesmo em contextos culturais completamente diferentes

do mundo greco-romano. Aproveitar a vida em todos os sentidos, lamenta-la quando esses se embotam e, depois, morrer, eis aí o tema quase único da elegia mediterrânica. Ao viajante alexandrino, pela boca de Iasés, Cavafy endereça uma súplica: não condenar quem viveu intensamente, consciente de que o futuro nos reserva pouco e que o momento presente é único e não pode ser desperdiçado.

"C'est ici que je repose, moi, Iasès. De cette grande cité,
l'éphèbe renommé pour sa beauté.
Des Sages profonds m'ont admiré; ainsi que le futile,
le simple peuple. Et j'en ai ressenti un égal
plaisir. Mais à force d'être traité en Hermès et en Narcisse,
les excès m'ont usé, m'ont achevé. Passant,
si tu es Alexandrin, tu ne me blâmeras pas. Tu sais la fougue
de notre vie; quelle ardeur est la sienne; quelle suprême volupté"
(9).

A história de Alexandria ou, mais exatamente, a história do conflito que opôs Otávio a Antônio, e no qual esteve envolvida a célebre rainha Cleópatra, foi objeto de um tratamento especial na obra de Cavafy. Alguns de seus mais brilhantes poemas tratam daqueles notáveis acontecimentos, aos quais o nome da cidade está, para sempre, associado.

Em 34 a. C, já definitivamente envolvido com a rainha egípcia e em ruptura com Otávia e seu irmão, o futuro Augusto, Antônio se entrega a um delírio de grandezas, que, na opinião de Auguste Bailly (10), podem ter servido para compensar a sua crescente impopularidade em Roma e tornar mais firme a sua situação no Oriente. Nesse mesmo ano, como um rei de teatro, Antônio proclama, em magnífica cerimônia pública, o novo império. Cleópatra foi declarada rainha do Egito, de Chipre, da África e da Celossíria; Cesarião, reconhecido como filho legítimo de César, lhe foi associado; Alexandre, filho de Antônio com Cleópatra, recebeu a Armênia, a Média e o império dos Partas, e Ptolomeu, igualmente filho dos dois soberanos, tornou-se rei da Fenícia, Síria e Cilícia. Essa cerimônia, realizada diante de enorme multidão, amontoada em redor da pista de 160 metros do Ginásio de Alexandria, foi evocada por Cavafy, no poema *Reis Alexandrinos*. Baseado em Plutarco, o nosso autor descreve o luxo do espetáculo, feito para impressionar a heterogênea população da cidade; como poeta, ele sonha com o dia quente, o céu azul, a beleza do edifício e o

(9). — *Tombeau d'Iasès*.

(10). — *A Vida de Cleópatra*, trad. portuguesa. Lisboa, 1963; pg. 138.

luxo dos cortesãos, mas, como historiador, adverte que a ninguém passava despercebida a falsidade de toda essa glória.

"Or, les Alexandrins se rassemblèrent
en l'honneur des enfants de Cléopâtre,
Césarion, et ses deux jeunes frères,
Alexandre et Ptolémée; pour la première fois
au Gymnase on les avait conduits,
afin de les solennellement proclamer rois,
parmi l'é�incelante parade des soldats.
Alexandre, — il fut appelé roi
des Arméniens, des Mèdes et des Parthes.
Ptolémée, — il fut appelé roi
de Cilicie, de Phénicie et de Syrie.
Les précédant, voici Césarion,
vêtu de soie couleur de pétales de roses,
un bouquet d'hyacinthes sur sa poitrine,
à sa ceinture, un double rang d'améthystes et de saphirs,
ses sandales, retenues par de clairs
rubans garnis de perles rosées;
lui, il reçut en partage plus que ses jeunes frères,
lui, il reçut le titre de Roi des Rois!
Les Alexandrins n'ignoraient pas, évidemment,
que tout cela n'était que vaines paroles théâtrales.
Mais la journée était chaude et pleine de poésie,
d'un bleu très pâle le ciel,
Le Gymnase d'Alexandrie un triomphal
ouvrage de l'art,
éblouissant le luxe des courtisans,
Césarion lui-même, paré de toutes les grâces,
(de Cléopâtre digne rejeton, sang des Lagides!),
si bien que les Alexandrins accouraient à la fête,
s'enthousiasmant, poussant des acclamations
en grec, en égyptien, et d'aucuns en hébreu,
émerveillés par la beauté de ce spectacle...
Tout en sachant, évidemment, ce que valait cette gloire,
quels noms vides de sens couvraient ces royautes."

Toda a glória de Antônio e Cleópatra se transformou, em pouco tempo, após a batalha naval de Ácio, em amarga derrota. A cidade de Alexandria foi cercada por Otávio e os dois soberanos orientais foram ao encontro de seus destinos. Relata Plutarco uma lenda segundo a qual, certa noite, durante o sítio, Antônio foi abandonado por Dionisos, sua divindade protetora, e compreendeu que o seu fim estava próximo:

"Conta-se que, naquela noite,..., quando a cidade estava no maior silêncio e consternação, somados ao temor e esperança do que iria acontecer, ouviram-se repentinamente os ecos de muitos instrumentos e a gritaria de uma grande multidão, com cânticos e bailados satíricos, como se passasse uma inquieta turba de bacantes; que essa turba partiu do meio da cidade e se moveu até a porta por onde se ia ao campo inimigo, e que, saindo por ela, desvaneceu-se aquele tumulto, que tinha sido muito grande" (11).

Cavafy utilizou-se dessa passagem quando da concepção do seu poema *O Deus se afasta de Antônio*. Nele, o poeta incita o general romano a proceder como herói, enfrentando estoicamente o seu fim. "Como homem pronto, há muito tempo, como homem forte", Antônio deve dizer adeus à magnífica cidade que governou, durante algum tempo, porque, com a partida da invisível turba, a cidade está definitivamente perdida para ele.

"Quand tout à coup, à l'heure de minuit,
tu entendras passer une invisible troupe,
avec d'exquises mélodies, avec des voix, —
alors, sur ton étoile qui décline, sur tes oeuvres
qui ont failli, sur les projets et sur les rêves de ta vie
qui t'ont trompé, ne verse pas des larmes inutiles.
En homme prêt depuis longtemps, en homme fort,
fais tes adieux à Alexandrie, qui s'éloigne de toi.
Surtout ne t'illusionne point, ne te dis pas
que tu as déliré, que s'est méprise ton oreille;
dédaigne d'aussi vaines espérances.
En homme prêt depuis longtemps, en homme fort, —
et comme il sied à qui pareille Ville fut donnée, —
vers ta fenêtre, d'un pas ferme, dirige-toi,
et, avec émotion, mais non avec les plaintes
et les supplications propres aux faibles,
écoute — ultime jouissance! — les accords,
les instruments exquis de l'invisible troupe,
et dis adieu à Alexandrie, qui est perdue pour toi".

Constantino Cavafy traçou, de forma seca e concisa, diversos retratos de personagens ilustres da Antiguidade. Aproveitou-se, para isso, de momentos significativos de suas vidas, especialmente aqueles

(11). — *Vida de Marco-Antônio in Biógrafos Griegos*. Aguilar, Madri, 1973; pg. 1.000.

que, de uma maneira ou de outra, estiveram ligados ao destino dessas figuras, próximos dos acontecimentos fatais e do desenlace.

Cavafy trata os soberanos do passado com surpreendente familiaridade; notamos, até mesmo, um certo tom de autoridade, como se o poeta se arrogasse, ao mesmo tempo, o direito de adverti-los e a pretensão de mudar-lhes o destino. Esse tratamento não é reservado apenas às figuras ilustres: envolvido, profundamente, nesse mundo, que é também o seu e do qual, suspeitamos, Cavafy se sente contemporâneo, o poeta, com a maior naturalidade, utiliza o mesmo estilo quando retrata a população humilde das ruas de Alexandria.

Júlio César é um dos personagens advertidos num instante particularmente decisivo da sua extraordinária existência. Pouco antes da sua entrada no Senado, onde iria tombar, assassinado, junto à estátua de Pompeu, César, segundo relato de Plutarco (12), recebeu, de Artemidoro, natural de Cnido e professor de língua grega, certas cartas que revelavam a conspiração de Bruto; cercado por grande multidão e saudado pelos admiradores, o consul romano não teve tempo, ou, talvez, não tenha mesmo sentido o desejo, de mudar o seu destino. Cavafy, nos *Idos de Março*, adverte-o do perigo e chama a sua atenção para a importância dos textos que Artemidoro lhe entregou e para a urgência da sua leitura.

"Crains les magnificences, ô mon âme!

Si tu ne parviens pas à dompter tes ambitions,
au moins ne les poursuis qu'avec mesure
et avec réflexion. Et plus, mon âme, tu t'engages,
plus la prudence et la sobriété s'imposent.

Ainsi, lorsque tu atteindras ton apogée, César enfin,
et que d'un si grand homme tu auras ceint les insignes,
alors, surtout, prends garde, en marchant dans la rue,
chef honoré suivi d'une nombreuse escorte,
si par hasard, sorti de la foule, t'approche,
porteur de lettres, quelque Artémidore,
qui te jette en passant: "Lis aussitôt cela;
ce sont choses sérieuses, qui te concernent",
garde-toi de poursuivre ton chemin; prends soin
de différer tout entretien, toute besogne; ne manque pas
d'écarter les obséquieux qui te saluent et te courtisent,
tu les verras plus tard; que le Siénat lui-même
attende; et sans tarder, immédiatement prends connaissance
des importantes lettres d'Artémidore".

(12). — *Vida de J. César*, idem, pg. 781.

Aos leitores mais apressados, poderão parecer fáceis essas adaptações, para formas poéticas, de passagens famosas de Plutarco mas a leitura atenta de qualquer um dos poemas revela a capacidade, extraordinária em Cavafy, de expressar o que o momento escolhido contém de dramático, na medida em que implica numa decisão que, uma vez tomada, desencadeia uma série de acontecimentos irremediáveis e assume um caráter decisivamente histórico.

Talvez o gênio de Cavafy não resida tanto no seu talento de retratista mas na percepção aguda da força explosiva contida em certos instantes do passado. Mesmo quando o personagem não se encontra diante de uma dessas situações, a sua simples existência, a sua juventude e felicidade implicam em acontecimentos futuros temíveis e desastrosos. Como bem salientou Edmond Jaloux (13), o gênio de Cavafy se revela inteiramente no poema *Os Passos*, não porque o poeta tenha retratado Nero, que, de resto, não é difícil de ser evocado, mas porque ele consegue "fazer sentir o que comportava de fatalidade terrível" a própria presença do imperador. Mais ainda, o citado autor confessa ter, pela primeira vez, percebido o que poderiam representar, na Antiguidade, os deuses Lares.

"Sur un grand lit d'ébène encadré par des aigles
de corail, dort d'un profonds sommeil
Néron, — tranquille, inconscient, heureux;
florissant dans la plénitude de sa chair
et dans le beau frémissement de sa jeunesse.

Mais dans la salle d'albâtre qui enferme
l'ancien lararium des Aënobarbes,
quelle n'est pas l'inquiétude des dieux Lares!
Comme ils ont peur, les sédentaires petits dieux,
comme ils essaient de dérober leurs corps chétifs!
C'est qu'ils ont entendu une horrible rumeur,
une rumeur de mort monter les escaliers;
des pas de fer qui ébranlent les marches...
Et, pâmes maintenant, les Lares misérables
tout au fond du lararium se pressent,
se bousculant entre eux et trébuchant,
un petit dieu tombant par-dessus l'autre,
car ils n'ignorent pas quelle est cette rumeur,
ils les ont reconnus, les pas des Erynnies!"

Também o fim do Império Romano foi assunto de um poema do escritor alexandrino. Em *À Espera dos Bárbaros*, Cavafy nos coloca

(13). — In C. Cavafy, *op. cit.*, pg. 15.

diante de uma assembléia, reunida no Forum, que, desiludida quanto às possibilidades de sobrevivência da sua cultura e passiva face a um destino que sabe ser inelutável, na medida em que tem plena consciência do esvaziamento da sua civilização, aguarda ansiosamente a chegada dos invasores. Os senadores, o imperador, os pretores e os cônsules apresentam-se, com as suas melhores vestes e mais belas jóias, para entregar seus títulos e seus cargos àqueles que, doravante, irão ser os responsáveis pela cidade e pelas leis.

Cavafy, ironicamente, reforça o sentimento de fracasso de todas essas autoridades quando, nos últimos versos do poema, se refere à decepção, sofrida pelos habitantes de Roma, ao saber da notícia de que, nas fronteiras, não havia mais "um único bárbaro". Diante dessa surpresa, eles se interrogam:

"Et maintenant, qu'allons-nous faire sans les Barbares?
Ces gens-là, après tout, étaient une solution..."

Os primeiros tempos do Cristianismo, quando essa religião enfrentou a resistência do paganismo, aparecem na obra de Cavafy sob a forma de textos deixados por aqueles que passaram pelo grande drama da divisão entre duas visões do mundo diferentes e incompatíveis. Num dos poemas (14), o estudante sírio Myrtias, radicado em Alexandria, confessa não temer os prazeres permitidos pelo paganismo porque, nos momentos mais perigosos, saberá recuperar o seu espírito ascético e retornar à força espiritual garantida pelo Cristianismo.

"Fortifié par l'étude et par la théorie,
point ne craindrai, comme les lâches, mes passions!
Je livrerai mon corps à la débauche,
aux voluptés en rêve souhaitées,
aux lascives instances de mon sang,
aux désirs amoureux les plus extravagants,
sans nulle crainte car, pour peu que je le veuille,
— et je saurai vouloir, puisque devenu fort
grâce à la théorie et à l'étude, —
aux heures dangereuses je recouvrerai,
comme devant, mon esprit ascétique".

A mesma divisão espiritual é o assunto do poema *Sacerdote de Serapis*. Não se trata, neste caso, da oscilação de uma personalidade entre duas éticas opostas, mas da ruptura dos vínculos de família, pro-

vocada pela penetração da nova religião. Adepto do Cristianismo, um jovem lamenta a morte do pai e se vê impossibilitado de renega-lo ou de amaldiçoá-lo, mesmo sabendo que o querido e bondoso ente perdido fora sacerdote no "maldito Serapeum".

"Mon vieux père, mon père plein de bonté,
qui n'a jamais cessé de me chérir,
je pleure mon vieux père plein de bonté,
qui mourut hier, à la pointe du jour.
Seigneur Jésus, observer strictement
de Ta très sainte Église les commandements
dans chacun de mes actes, dans chacune
de mes paroles et de mes pensées, c'est mon désir
de tout instant. Tous ceux qui Te renient,
je les abhorre. Mais aujourd'hui, voilà, je pleure;
je me lamente, Jésus, sur mon vieux père.
Encore qu'il fût — ô chose affreuse à dire! —
prête dans le maudit Sérapeion".

Assim como os túmulos dos jovens pagãos foram objeto de alguns poemas citados anteriormente, os sepulcros dos que morreram na nova fé também atraíram a atenção de Cavafy. No *Túmulo de Ignatius*, o poeta alexandrino trata da conversão à religião do Cristo. Essa conversão, a exemplo do que aconselhou Jesus num momento das suas pregações, consistiu, primeiramente, no abandono das enormes riquezas materiais e, em seguida, na rejeição desse passado comprometido com os valores em declínio, implicando na substituição do próprio nome, de Cleon para Ignatius, e na adoção de um sistema de vida completamente diverso da opulência do passado. Ignatius, encarregado, durante onze meses, da leitura, em voz alta, das Escrituras Santas, orgulha-se da sua transformação interna e do tempo em que viveu "no repouso e na segurança do Cristo".

"Ici, point ne suis ce Cléon, célèbre dans Alexandrie
(où rarement pourtant on se laisse éblouir)
pour ses riches palais, pour ses jardins,
pour ses chevaux et pour ses équipages,
pour les diamants et les soieries dont il était paré.
Arrière! Ici, plus ne suis ce Cléon;
que ses vingt-huit années soient effacées...
Je suis Ignatius, lecteur d'église, qui trop tardivement
revint à lui. Mais même ainsi, j'ai vécu onze mois
heureux, dans le repos et la sécurité du Christ".

De todos os "túmulos" de Cavafy, o mais extraordinário parece ser *No mês de Athyr*, no qual o poeta se esforça por decifrar, "na vetusta pedra", as palavras que indicam o nome do morto e a sua idade e que registram a dor dos parentes.

Nesse poema, associa-se a elegia mediterrânica antiga ao tema essencialmente cristão da dor e do sofrimento. Trata-se de um jovem, alexandrino, de nome Leucius, "que jovem se extinguiu". O tratamento dado ao poema, no qual Cavafy lê, com dificuldade, palavras soltas e que nos dão apenas uma idéia vaga do jovem há tanto tempo desaparecido, parece reforçar, no leitor, a melancolia e a angústia de quem se detém um pouco para refletir sobre essas vidas perdidas e essas fisionomias apagadas.

Todavia, esse tema, comum na Antiguidade, como já se disse, é apresentado com os novos elementos cristãos, expressos nas palavras que refletem a dor dos que o amaram. Além disso, ao desencanto diante da brevidade da vida e à desilusão que se segue à morte dos jovens e à extinção da beleza, Cavafy acrescenta o novo tema da esperança, pois que Leucius não dorme num frio leito de pedra mas sua alma descansa junto a "Nosso Senhor Jesus".

"Péniblement je lis
 "Notre Seigneur Jésus",
 "C'est dans le mois Athyr"
 Aux lettres K et Z,
 à ces lettres, je vois
 Ensuite, ce fragment:
 Les trois lignes suivantes
 mais je distingue encore,
 et puis de nouveau "larmes",
 Il semble que Leucius
 C'est dans le mois Athyr

sur la vétuste pierre:
 puis le mot "âme", et puis:
 "que Leucius s'endormit".
 qui indiquent son âge,
 que jeune il s'éteignit.
 "Lui-même... Alexandrin".
 sont très détériorées;
 "nos larmes" et "chagrin",
 et, "dans nos coeurs ... le deuil".
 tendrement fut chéri.
 que Leucius s'endormit".

Na *Grande Procissão de Sacerdotes e de Leigos*, Cavafy homenageia os novos tempos e as novas esperanças vindas com a nova religião. Um cortejo, reunindo representantes de todas as ocupações e profissões, atravessa a cidade de Antioquia; à frente, vai um adolescente, vestido de branco, com a santa cruz nos braços. Os gentios se afastam, reconhecendo que os antigos deuses estão definitivamente derrotados e se apagam, juntamente com a civilização clássica. Trata-se de uma festa anual da Cristandade mas, desta vez, celebrada com maior brilho e alegria porque "o impuro, o execravel Juliano", o último imperador que tentou manter as moribundas tradições religiosas romanas, "cessou de reinar". "Que Dieu protège le très pieux Jovien!",

exclama o poeta, admitindo que a sua tão amada civilização está morta e que uma nova era tem início.

Assim como o escritor Costis Palamas, nascido em Patras, em 1859, e considerado um dos mais importantes autores da Grécia moderna, Cavafy é, na opinião de E. Jaloux (15), apesar de nascido no Egito, um representante típico do grego atual, ao mesmo tempo herdeiro de uma alta missão sagrada, decorrente do passado da sua civilização, já que, nos países onde penetrou a cultura grega, o "menor lugar tem um eco mitológico, o menor termo, uma ressonância eterna", mas também um "bizantino complicado, luxuoso e sutil, um pagão e um cristão misturados".

Da longa história de um império que somou às instituições e à legislação romanas, a língua grega e a religião cristã, adquirindo, assim, características bastante originais no conjunto da história da civilização, o nosso autor escolheu a dinastia dos Comnenos, que reinou de 1057 a 1185, com apenas uma interrupção, entre os anos de 1059 e 1081.

Aparece, inicialmente, Ana Dalassena, mãe de Alexis I, "nobre e judiciosa dama", homenageada pelo filho, que reconheceu nela uma alma gêmea e que não sentiu, em momento algum, com relação à imperatriz, divergência de interesses e de objetivos.

"La chrysobulle, qu'édicte kyr Alexis Comnène
pour dignement rendre hommage à sa mère,
la très noble, la judicieuse dame, Anne Dalassène,
— exemplaire tant par ses oeuvres que par ses moeurs, —
la chrysobulle abonde en termes flatteurs.
Ici, je me contenterai d'en rapporter l'aimable,
la gracieuse phrase que voici:
"Nul ne nous entendit jamais proférer les froides
paroles *mien* et *tien*, les désignations qui séparent" (16).

A seguir, é a vez da conhecida Ana Comnena, princesa bizantina de grande cultura e filha do imperador Alexis I, cuja vida e realizações ela deixou registradas numa obra em vários tomos, a "Alexíada". O "pérfido" João, citado no poema, é o seu irmão João II Comneno, cognominado "o Bom", que ela tentou, em vão, apoiada por sua mãe, a imperatriz Irene Ducas, afastar do poder, a fim de fazer subir ao trono seu marido, o general Nicéforo Bryennius.

(15). — In Cavafy, *op. cit.*, pg. 10.

(16). — *Anne Dalassène*.

"Dans le prologue de son "Alexiade",
Anne Comnène se lamente sur son veuvage.
Son âme est prise de vertige: "En des ruisseaux
de larmes", nous dit-elle, "sont macérés
mes yeux... Las! que de cataclysmes", — dans sa vie —
"que de vicissitudes!" Le chagrin la consume
"jusqu'a la moelle et jusqu'au déchirement de l'âme".
En vérité, une seule douleur
entièrement domina cette ambitieuse femme;
d'un seul regret profond fut possédée
(bien qu'elle ne l'avoue!) cette Grecque orgueilleuse:
de n'avoir pu, malgré ses artifices, s'emparer
de la Couronne; mais presque entre ses mains,
elle lui fut ravie par le perfide Jean" (17).

Finalmente, surge o quarto imperador da dinastia, Manuel I Comneno, que, sentindo a morte chegar, decidiu retirar-se do poder para, humildemente, na única fé verdadeira, aguardar o seu fim.

"Le Basileus, kyr Manuel Comnène,
un jour mélancolique de septembre,
sentit la mort venir. Les astrologues
mercenaires de la Cour lui répétaient
que dans Byzance longtemps encore il régnerait.
Mais, les laissant à leurs discours, d'anciens usages
pieux l'Empereur se remémore,
et — des cellules monacales — qu'on lui apporte,
ordonne-t-il, robes de bure;
et s'en étant vêtu, de s'apparaître ainsi,
sous l'humble aspect d'un moine, dans son coeur il se réjouit.
Heureux tous ceux qui croient et qui,
comme le Basileus kyr Manuel, s'éteignent
vêtus très humblement de leur seule foi" (18).

O declínio do império bizantino é evocado no poema *De vidro colorido*, no qual Cavafy se refere à "grande indigência do nosso Estado" e ao "número ínfimo de pedras preciosas" existentes no tesouro real.

João Cantacúzeno e Irene, filha de Andrônico Azen, apresentam-se, para a sagração, com jóias de vidro, vermelhas, verdes e

(17). — *Anne Comnène*.

(18). — *Manuel Comnène*.

azuis". Segundo Cavafy, nada houve de medíocre ou de vergonhoso nesse artifício. Foi, na verdade, "um doloroso protesto contra a iníqua sorte do casal coroado". Extinguia-se uma outra civilização, igualmente notável e brilhante, mas à qual, somos forçados a reconhecer, o nosso poeta deu menor atenção.

A partir de 1899, após algumas viagens a Constantinopla, à Grécia e a alguns outros países, Cavafy não deixou mais a sua cidade natal. Problemas financeiros obrigaram-no a aceitar um emprego de funcionário do Governo egípcio e o poeta abandonou, definitivamente, a vida desregrada de outrora, não sem guardar, apaixonadamente, as lembranças e as imagens do passado de aventuras.

Desse momento em diante, até 1933, data de sua morte, Cavafy se retirou da vida mundana e escolheu um isolamento propício à leitura, à meditação e à evocação dos esplendores e das glórias de Alexandria e de Bizâncio, assim como das suas próprias experiências pessoais.

Timos Malanos, que o conheceu pessoalmente nessa nova fase (19), retrata-o como um solitário, numa cidade onde só o dinheiro e a ostentação com que ele é gasto tem valor. Cavafy costumava viver na penumbra de uma sala, iluminada apenas por umas poucas velas. Desejando permanecer numa atmosfera de mistério, esforçava-se por criá-la em torno de si. Seus gestos e suas palavras eram afetados, revelando um espírito sombrio que procurava ser hermético. Desconfiado dos admiradores, tentava, o mais possível, afastar os visitantes. Na fase final da sua vida, Cavafy parece ter-se alimentado do seu passado e do passado de Alexandria.

Cavafy foi um extraordinário poeta não-histórico. Nesses poemas, cuja análise não cabe neste artigo, aparecem ainda os temas greco-romanos e bizantinos mas o autor, mais livre e envolvido com experiências que foram as suas, alcança níveis poéticos mais altos. De qualquer forma, não há um hiato entre os dois grupos de poemas. O passado é o elemento unificador de toda a sua obra. No poema *Que venham os Fantasmas*, o escritor alexandrino retrata a última etapa da sua vida. "Basta uma vela", diz ele, "sua luz pensativa presta-se muito, e será mais amiga, quando vierem, do Amor, quando vierem os Fantasmas". Certamente, Cavafy, na penumbra do seu quarto, no seu sombrio isolamento, não foi perseguido apenas pelos fantasmas do amor, mas também pelos da História.